

**Pai Tertuliano, Vó Astrogilda e Pingo, o Guardião:
de Memórias Familiares a Patrimônio Cultural no Quilombo de Vargem Grande no Rio
de Janeiro (RJ)**

Luz Stella Rodríguez CÁCERES*

Resumo: Em setembro de 2014, a Fundação Cultural Palmares (FCP) entregou a certidão de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombolas aos moradores da Serra de Vargem Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. No pedido de reconhecimento, elaborado pela família que lidera o processo, figura como parte importante da sua história a existência de um centro de umbanda espírita, chefiado pela falecida avó Astrogilda. O guia espiritual do terreiro era Pai Tertuliano, um preto velho que se tornou referência em Vargem Grande, muito além do círculo familiar. Os objetos litúrgicos do desativado terreiro permanecem sob custódia familiar, oferecendo um suporte material para suas memórias e desempenhando hoje uma função de autoconsciência familiar e coletiva. Em face do novo horizonte de direitos, interessa entender o trânsito de uma herança familiar para o âmbito da política e da visibilidade, contemplando patrimônio como uma categoria que estabelece mediações entre diversos domínios, social e simbolicamente construídos.

Palavras-chave: Quilombo. Herança familiar. Patrimônio cultural. Materialidade. Imaterialidade.

**Father Tertuliano, Grandmother Astrogilda and Pingo, the guardian:
from family memories to cultural heritage in the Quilombo de Vargem Grande no Rio
de Janeiro (RJ)**

Abstract: In September of 2014, the Palmares Cultural Foundation (FCP) accorded a recognition title to a community in Vargem Grande, attesting that they were remnants of a “Quilombo” located in the west zone of Rio de Janeiro city. The application for recognition, carried out by the family who is leading the process, attributes salient historical value to the existence of an Umbanda spiritual center headed by the deceased grandmother Astrogilda. The spiritual guide of the center or “terreiro” was father Tertuliano, a mentor that became a

* Doutora. Professora do Programa de Antropologia Cultural - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *Largo São Francisco de Paula*, nº 1, Centro - Rio de Janeiro - RJ. CEP: 20051-070. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: lunsella@gmail.com

reference much beyond the boundaries of their family members. The liturgical objects of this deactivated “terreiro” are kept under the custody of the family, offering them material support for their memories and functioning nowadays not only as a family heritage but also as a support for collective self-consciousness. Such novelty in their legal rights scenario draws our attention to issues regarding the passage of a family heritage to that of a collective one, involving the politics of ownership, visibility and that of the uses of heritage as a category mediating different levels of social and symbolic constructions.

Keywords: Quilombo. Family heritage. Cultural heritage. Materiality. Immateriality.

Tertuliano, nosso preto velho foi escravo, mas era africano. Ele não chegou vir no navio negreiro, mas contava que sofreu muito e morreu na África. Quando os escravos vieram para o Brasil já o invocavam, ele era considerado um santo, um guia, vamos dizer, um espírito. Os escravos que vieram para cá tinham muita fé nele. Então, o foram cultuando, e aquilo foi passado para a gente. (Pingo, 2014).

O centro de umbanda¹ espírita, localizado no caminho do Cafundá na Serra de Vargem Grande do Rio de Janeiro, funcionou até 1962, data em que morreu Celso dos Santos Mesquita, um dos fundadores da casa. Iniciado em 1934, o terreiro foi um importante ponto de referência familiar e comunitário, muito visitado por pessoas que iam à procura da cura física ou espiritual. Nesse terreiro, as relações do cotidiano comunitário estiveram profundamente imbricadas com o universo de domínio religioso, pois além de talhar um *modus* de ética, moralidade e espiritualidade, ele orientava experiências e realidades coletivas entre o sagrado e o profano. O centro também funcionava como um ponto central das relações, sociais, étnicas e de parentesco. A vida dos familiares e da vizinhança estava estreitamente relacionada com o que se passava no terreiro.

Daquele terreiro restam hoje as lembranças que familiares e vizinhos guardam de Celso, célebre por seus conhecimentos botânicos e homeopáticos, e de Astrogilda, a matriarca da família e principal médium do centro. Alguns dos filhos e netos do casal guardaram as rezas e orações ditas por Astrogilda, e dela aprenderam a elaboração de xaropes e licores. Jorge dos Santos Mesquita, mais conhecido como Pingo, herdou do pai saberes de botânica e técnicas para a elaboração de garrafadas medicinais que tem por base cachaça ou vinho.

Após a morte de Astrogilda, Pingo começou a zelar pelo oratório em madeira com as imagens e figuras de santos e orixás, a escultura de Pai Tertuliano, principal guia espiritual da casa, a espada de Ogum, um lampião e uma mesa de madeira que era usada no terreiro e pertencera ao bisavô de Pingo. A posse desses objetos fez dele um guardião, e o one, mais que a uma família de sangue, a uma linhagem espiritual.

Os objetos de memória são antes de tudo bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade das famílias, dando sentido pleno, em termos profundos, à experiência do próprio grupo. Nesses objetos, a identidade do grupo familiar se materializa, trata-se de um acervo que adquire vida mediante relatos preciosamente recontados com riqueza, poder e emoção. Sendo assim, materialidade e imaterialidade não são separáveis da própria experiência narrativa.

Nesta reflexão, me proponho a descrever em detalhes um dos principais pilares do pedido de reconhecimento feito pelos membros da família Santos Mesquita, como comunidade remanescente de quilombo perante a Fundação Cultural Palmares (FCP). Na justificativa do pedido, ressalta-se a existência marcante do centro espírita, tido como de *linha branca*. Desativado para um círculo mais amplo de praticantes, ele é peça fundamental na construção das memórias familiares e vem adquirindo um papel mais político e público, ao se tornar um elemento-chave na demanda pelo reconhecimento de direitos territoriais dos moradores de uma área do Parque Estadual da Pedra Branca, no Rio de Janeiro.

Sustento de uma extensa rede de parentesco, os resquícios do centro de umbanda instigam a investigar, em primeiro lugar, sua configuração como herança familiar e sua posterior transformação em patrimônio comunitário; sustento de uma identidade quilombola que se afastando do âmbito exclusivamente privado e afetivo entrou numa esfera pública e política. Entender como Pai Tertuliano transita de um mundo afetivo e espiritual para uma esfera de domínio público é um dos objetivos que desenvolverei neste artigo. Para tanto, recorro aos resultados da etnografia, aos relatos de Pingo e às conversas que tive com seus filhos – Alexandre e Sandro –, assim como às trocas de informação que mantive com Maria Luzia, Georgina, Bil e Pedro, netos de Astrogilda.

Para compreender a transformação de memórias familiares em patrimônio cultural é preciso destacar que as memórias suportadas por aqueles objetos litúrgicos não atendem uma rígida separação entre materialidade, imaterialidade e sentido (GONÇALVES, 2005). Entender a metamorfose das memórias domésticas para patamares públicos também exige superar a oposição sujeito/objeto porque há coisas que não podem ser classificadas como meros objetos inertes pelas porosidades e conexões que apresentam. Nelas, o sentido e a subjetividade não se separam da coisa em si, porque são a alma da coisa. Em segundo lugar, sugiro que no entendimento dessas transformações da memória seja estimado o agenciamento dos objetos na rede das relações sociais, considerando que elementos materiais, não-humanos têm o poder de induzir a ação.

Os sustentos teóricos centrais que inspiram estas linhas partem do pressuposto de que a cultura material surge não apenas como um lugar privilegiado para observar como se cristalizam as intencionalidades humanas (ARONI 2010), mas também para compreender as

capacidades de mediação de objetos e entidades nas tramas relacionais de pessoas e eventos (LATOURE, 2005). Nessa linha de argumentação, Gell (1998), Lambek (1993) e Cardoso (2014) propõem que deuses, espíritos e entidades sejam considerados como agentes, e não apenas como representantes dos desejos e inclinações de seus médiuns humanos.

Origem do terreiro de Astrogilda, despedida de Tertuliano e a missão de Pingo

Pingo não tem poder mediúnico, mas é um narrador engenhoso de extraordinária capacidade. Ele narra de forma eloquente a história do grupo familiar ao qual pertence; sua propriedade sobre o assunto e a habilidade narrativa o autorizam a falar, tanto como o fato de ser guardião dos objetos familiares que encerram aquela memória. Ao guardar as marcas do passado sobre o qual se remete, ele se torna um ponto de convergência de histórias vividas por outros membros do grupo (vivos e mortos).

Pingo não apenas sabe das histórias, mas sabe contá-las, prendendo a atenção de quem o escuta. Sua habilidade narrativa não para na oralidade, e flui com tremenda facilidade para a escrita e a composição de versos e rimas. Durante várias conversas me narrou histórias sobre o terreiro, abordando os momentos centrais relacionados à origem e ao desenvolvimento do terreiro de umbanda do caminho do Cafundá.

Astrogilda descobriu a mediunidade dela com 17 anos. Já era casada e vivia numa cabana que Celso, meu pai, tinha construído no meio do mato lá em cima, de madeira, tapada de folha de coqueiro. Astrogilda era branca, Celso, meu pai, era negro. Naquela época a situação era súper difícil. Foi em 1918, quando meu irmão estava com quatro anos, que eles vieram de lá embaixo, onde hoje é o sítio Paulista, que meu pai ganhou de herança do vovô.

Meu avô dividiu as terras. O pai do Carmélio ficou com aquele pedaço, esse pedaço aqui ficou para minha tia, que morava lá embaixo também. E a parte do meu pai era lá embaixo, mas aí, quando meu irmão nasceu lá embaixo, houve um acidente com meu irmão, nessa época não tinha Centro, nenhum edifício, nenhuma pessoa lá. Então, meu pai botou na cabeça que era macumba que estava atrasando a vida dele, e que por essa razão ele não ia para frente. O meu tio, que era dono disso aqui, trocou com meu pai aquele sítio de lá.

Aí meu pai veio para aqui. Mas nessa época aqui não tinha nada, era tudo mato. Naquela época, se derrubava a mata para fazer carvão. O carvão era uma sobrevivência para muitos. Aí meu pai foi trabalhar com os italianos que exploravam o carvão no sítio que a gente chamava Morro da Lalinha. Largou tudo aqui e foi para lá, fez um rancho e ficou lá com os italianos fazendo balão de carvão e sobrevivendo daquilo. Aonde derrubava a mata, fazia o carvão e depois plantava-se banana. Quando eu me entendi por gente, você olhava daqui até onde sua vista alcançava era um bananal só. Não tinha essa floresta.

Naquele rancho mamãe só tinha um casazinho, Dago e Abigail, foi aí quando uma cobra a mordeu, ela começou a passar muito mal. Imagina

naquela distância, ela conta que botava sangue até pelas unhas e dentes. Então foram chamar meu pai, que estava na lida. E quando ele a viu, ela botava sangue para tudo quanto é lado. Ele não sabia o que fazer. Nessa época, tinha um macumbeiro que morava a mais de duas horas de viagem. Aí papai foi lá falar com ele, para ver se ele arrumava um remédio para a mamãe. Diz meu pai que o macumbeiro foi para lá para trás da casa dele e que fez uma mistura que eles não sabem o que era, era um líquido escuro num vidro, ao entregar falou “Você chega lá e dá, faz ela beber isso tudo, é ruim, mas ela vai ter que beber. Mas você preste atenção que essa cobra foi mandada e ela vai voltar. E se morder ela de novo, aí não tem jeito.” Aí papai trouxe a bebida, deu a mamãe e ela ficou boa.

Aí conta ela que um dia ela estava na bica dos fundos do rancho com uma senhora que ficava junto com ela. Aí mamãe disse que a dona entrou dentro do quarto onde eles dormiam, né. Diz que a cobra estava em cima da cama, enroladinha em cima da cama com a cabecinha... Aí diz que a dona viu, voltou e disse “Astrogilda a cobra está em cima da cama.” Meu pai veio correndo e quando chegou ela estava no mesmo lugar. Meu pai meteu-lhe o porrete e matou. Mudaram-se para aqui.

Quando o bananal estava formado, né, meu pai desceu. Em 1934 ele veio para aqui. Mamãe contava que não passou um ano quando começou cair e incorporar, quebrando tudo, se machucava toda, se ralava, aí daqui a pouco passava. E o meu pai ficava desesperado, então foi falar de novo com o macumbeiro. Ao que ele falou “Ó, ela é médium. Ela é médium, viu? E ela vai ter que desenvolver a espiritualidade dela. Ela é médium de nascença e tem que fazer um trabalho com ela, tem que trazer.” Minha mamãe não sabia nada daquilo, meu pai menos. Ninguém sabia nada disso. Mas tiveram que começar a frequentar esse moço que era Seu Otávio, e como era famoso, menina! Ele que introduziu mamãe, né? Ele que fez na cabeça de mamãe o preto Tertuliano.

A princípio ela só manifestava com coisa ruim, né? Espírito mau mesmo, mau que quebrava ela toda. Ele tirou todos os espíritos ruins dela e batizou na cabeça dela o velho Tertuliano, que passou a ser o guia dela, entendeu? E foi quando ele disse para ela “Olha, vocês vão ter que fazer caridade. A missão de vocês aí é fazer caridade, é prestar caridade para os outros.” Foi por isso que eles montaram o centro espírita. Mamãe começou incorporar guias brancos, de linhas brancas, mas o Pai Tertuliano era o chefe, né, ele que abria e fechava o terreiro. Mas ela, a mãe, ela trabalhava com todos os guias, todos os orixás.

Eu me lembro como se fosse hoje, eu era pequeno, mas lembro, que tudo aqui era linha branca pura. Se chegasse alguém aqui e pedisse para fazer mal para alguém, papai dizia logo, “Olha, procura outro lugar, porque a gente não faz isso, não. Aqui a gente só cuida de caridade.” Não se cobrava um centavo. Meu pai não aceitava um centavo de ninguém. Nem dinheiro, nem presente, nada. A única coisa que podiam trazer era um pacote de vela e vinho. Mais nada. Esse negócio de “Ah, vou trazer uma camisa para você. Vou trazer um cordão de ouro, um anel”, nada disso ele aceitava. Era ordem do velho mesmo “Não pode aceitar nada de ninguém”. Ele dizia sempre “Se você aceitar qualquer coisa e cobrar, não é caridade”, não é? Aí conclusão, menina, aí começou o centro aqui em casa. E tinha toda segunda-feira. Tinha dia que nós acordávamos de manhã cedo e o terreiro já estava lotado de gente. Mamãe começava a trabalhar às sete da manhã, às vezes tinha uma pausa comer alguma coisa, quando o velho, né, que estava incorporado, dizia “Olha, vamos dar um tempo. Vamos dar um tempo que ela precisa se alimentar.” Depois disso continuava até as sete da noite.

Nas noites de quinta-feira eram as sessões para desenvolver os médiuns. O centro era um barracão comprido de sapê, terra batida. Então, dava gente assim até madrugada. E era muito bonito, sabe, porque eram aqueles cânticos e o pessoal todo de branco, não tinha nada de maldade.

Quando meu pai Celso adoeceu, Pai Tertuliano baixou e falou para a família “Ele vai embora. Acabou o ciclo dele, não tem o que fazer. Eu não quero ver ninguém chorando, ninguém triste, porque isso aí é a realidade. Ele vai ter que ir. Não tem, nem eu, nem ninguém que possa fazer nada. Não tem que chorar, não tem que se lamentar. Eu quero todo mundo conformado, porque vai acontecer. E depois eu volto aqui para dizer a vocês o que que a gente vai fazer.”

Sete dias depois meu pai veio a morrer, aí nós ficamos meio perdidos, né? “E agora, como é que vai fazer o centro?” Porque era ele que abria com as rezas, né, com as preces, né. “Como é que nós vamos fazer?” Aí ninguém fez nada, ficamos quietos. Um belo dia, um mês depois, o velho voltou. O velho Tertuliano incorporou em mamãe e falou “Olha, eu vim me despedir de vocês, eu vim aqui dizer uma coisa para vocês, a partir de hoje o terreiro está fechado porque o chefe do terreiro era Celso e ela não tem condições de tocar sozinha, não pode, então, a gente não tem condições de continuar” e ele foi embora. “Eu vou embora a fazer caridade em terras muito longe. Eu vou para muito longe. Mas digo uma coisa a vocês, a minha terra sempre é essa. Só me chamem em última necessidade. Se vocês precisarem de mim para uma coisa urgente, pode chamar que eu estou aqui.” E foi embora. Nunca mais eu vi em centro nenhum ninguém incorporar ele. Deve ter voltado para a África. (Pingo, 2014).

O relato de Pingo destaca fatos como a revelação dos poderes de mediunidade de Astrogilda, precedida por um momento crítico: a mordida de uma cobra. Em seguida, ele menciona os episódios de possessão aleatória de espíritos *do mau* que indicavam a necessidade do *desenvolvimento* e o início da carreira mediúnica com a feitura de Tertuliano na cabeça de Astrogilda realizada por Seu Otávio. No seu relato, Pingo enfatiza o papel principal do preto velho Tertuliano como guia central no terreiro e sua despedida após a morte de Celso, episódio com o qual as atividades do terreiro teriam tido um fim.

O fechamento do terreiro não significou um afastamento definitivo de Astrogilda de sua responsabilidade espiritual, nem de Tertuliano, pois ainda sem manifestar-se ou incorporar, para os atuais descendentes, o preto velho continuou cuidando da família, ao tempo que era zelado pelos mesmos. O encerramento do terreiro de umbanda implicou o fim das atividades mediúnicas, mas não o abandono por parte de Tertuliano aos que lhe tinham fé, já que ele poderia ser chamado em caso de extrema necessidade, como argumentado por Pingo. Sem atividades rituais no centro, Astrogilda continuou a ter um papel espiritual como rezadeira de crianças. Com o tempo a casa do terreiro desabou e foi necessário abrigar as imagens dentro da própria casa de moradia onde, após a morte da mãe, Pingo continuou a cuidar dos santos e objetos do centro de umbanda espírita. Nessa continuidade, percebe-se uma “moralidade” das coisas, na qual a possessão das relíquias faz de Pingo o guardião da memória, numa operação em que a existência desses objetos tem um impacto na formação da sua própria subjetividade (WAGNER, 2010). A noção de *cuidado* adquire uma dimensão central na forma de se relacionar com objetos e os santos do centro espírita. Ao cuidar deles, Pingo também vela pelas memórias familiares se

envolvendo num conjunto de valores, atitudes e sentimentos daqueles que criaram e legaram esses objetos. Procuo descrever que o enquadramento e a guarda da memória comum se retroalimentam, estando ligados à presença de uma figura central e singular no grupo, reconhecida como especializada na arte da memória.

O altar, um universo das trocas

Na casa onde hoje mora Pingo há um pequeno cômodo no qual os santos e objetos estão abrigados. Para ter acesso ao quarto não é preciso entrar na casa, pois o aposento está localizado na área da varanda e tem entrada independente, é tão pequeno que apenas permite uma pessoa dentro dele, o resto do espaço está ocupado por um altar de madeira que mede aproximadamente um metro quadrado. Os objetos rituais estão circundados pela pouca luz que entra no local, conferindo ao espaço uma atmosfera de recolhimento e uma aura que convida à introspeção.

O oratório feito de madeira localiza-se no meio do cômodo e de frente para uma pequena porta de madeira com vidro. Seu formato evoca a seção esquemática de uma catedral de nave central com altar mor e duas torres laterais as quais têm cada uma um sino pequeno de chumbo e duas estrelas brancas que, segundo Pingo, representam a estrela de oriente². No lado esquerdo prima um crucifixo. Acima dele há uma imagem de São Jorge e abaixo do crucifixo uma garrafa plástica vermelha contendo água benta tirada da gruta de Lourdes, em Aparecida (SP). Na torre direita há uma imagem da Virgem Maria. A parte central está coroada também por uma estrela branca e duas prateleiras onde se encontram as figuras de gesso e cerâmica, na parte de cima e na parte de baixo, os quadros de imagens.

O oratório em madeira não esteve presente desde o início do centro. Segundo depoimentos, ele foi elaborado um tempo depois por Seu Francisco Pinheiro, um morador de Vargem Grande, escultor e carpinteiro que o teria dado a Astrogilda em troca pela *graça* alcançada. O santuário chegou de surpresa na cabeça de dois rapazes enviados por Seu Francisco, que dessa forma *pagava* os dons recebidos no centro espírita. O passar do tempo deteriorou as laterais do altar que foram invadidas por cupim, seria o primo Didito o encarregado de fazer a restauração anos depois, recuperando a estrutura original.



Figura 1: Pingo e o altar
Fonte: Próprio autor, 2014

Entre as imagens que descansam nas prateleiras destacam-se: Xangô, Nossa Senhora da Graça, Jesus, Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida, São Judas Tadeu, São Sebastião, Nossa Senhora, Santo Antônio, Anjo da Guarda, São José, São Lázaro, São Jorge, Nossa Senhora da Penha, São Salvador, São Miguel, Divino Menino Jesus de Praga e Iemanjá. Essas imagens não repousam passivamente, elas precisam de cuidados que se traduzem na limpeza delas e do próprio espaço. Com certa regularidade, Pingo usa um espanador, limpa uma por uma e as coloca de novo no mesmo lugar. Quando chega a Semana Santa, os santos devem ser tapados com panos, como sinal de luto. *Assim ensinou mamãe*, explica Pingo ao tempo que lamenta:

Só eu que faço isso, mais ninguém. Acho que se não existisse eu, já tinha terminado tudo, acabado esse altar, pois ninguém mais cuida dele. Ninguém aqui tem mais esse cuidado com os santos, eu morrendo quem vai manter essa tradição? Cuidar deles foi meu destino, eu que vim morar com minha mãe antes de morrer, aí eu herdei essa tradição de cultivar essas imagens. E aprendi as rezas, né? Aprendi todas as rezas com ela e com meu pai. Praticamente, todas as orações que ele rezava eu sei e as digo todos os dias quando vou tomar conta deles. Quando eu morrer, não sei quem vai tomar conta. Sempre lhe dedico tempo, vou te dizer uma coisa, os santos

demandam muito de você, nem todo mundo tem essa disposição e carinho, são coisas que vêm do coração. Não é nada que se faz para tirar foto e andar publicando por aí, é algo invisível para os de fora. (2014).

À direita do oratório está a espada de Ogum pendurada na parede embaixo do quadro de São Jorge. Importante elemento de trabalho durante as sessões, a espada carrega uma marca de queimadura que, para a família, é prova de milagre. É uma marca que registra o que poderia ter sido um desastre maior. Em certa ocasião, uma vela foi acesa para o santo sobre a mesa de madeira, que estava forrada com papel de biquinho. As pessoas tinham ido embora e a vela tombou e só a espada pegou fogo. O fogo só fez um buraco na mesa, e a brasa, ao cair no chão, apagou. Quando o pessoal de casa voltou, conta Pingo, ficou todo mundo abismado, pois nada mais pegou fogo. O acontecimento foi interpretado como um verdadeiro milagre.

Sobre um banco mais baixo está Tertuliano, localizado à direita da entrada, como nos tempos do terreiro. Sentado sobre um toco de árvore, descalço e com a calça arregaçada, leva dois cachimbos que sempre estão com fumo; também tem um cálice feito de cuia onde é costume lhe servir vinho doce. Vinho e fumo fazem parte das trocas fundamentais que se fazem entre a entidade e os homens, por isso nunca lhe devem faltar; quando se abre uma garrafa de vinho na casa o primeiro gole é sempre para o preto velho. Precisando-se de ajuda há que lhe colocar vinho na cuia, e em sete dias, garante Bil, sobrinho de Pingo, *o vinho some e você alcança a dívida*.

Além da limpeza, do vinho e do fumo, também são necessárias as rezas. Rezar faz parte dos cuidados que Tertuliano e os santos requerem, por serem suporte para a transcendência desde a oração. Bil acrescenta que para *tratar direitinho* do santo também é preciso ascender uma vela toda segunda-feira, assim como festejar todo 13 de maio, que é o dia de todos os pretos velhos, razão pela qual se deveria fazer uma feijoada de homenagem, então lamenta que as pessoas de hoje tenham *relaxado tanto* nessa responsabilidade, pois, segundo ele, as pessoas andam hoje sem tempo para dar a devida atenção.

Eu, quando eu vejo, eu... se tem um vinho, eu vou lá em tio Pingo, se tem um vinho lá, eu falo "Meu velho", eu falo para tio Pingo "Meu velho, eu vou ali botar um vinho para o velho ali". E aí vou lá e boto. Boto um cuité de vinho, lavo a cuia dele... Pego, boto o cachimbo, boto fumo no cachimbo dele, tiro três pitadas, vou no pé dele, boto no pé dele o cachimbo assim cheio de fumo, me benzo, acendo a vela, boto o vinho e deixo lá. Rezo o Pai Nosso, a Ave Maria, Santa Maria e deixo ele lá. Peço para abrir meus caminhos, me proteger. Existe o velho, o velho Tertuliano existe, é antigo, de linha de umbanda pura e é antigo. Não porque ele foi embora, que ele não existe mais. (Bil, 2014).

Tanto na fala de Pingo como na de Bil, é enunciada a rotina de cuidados tais como limpar o local, conversar com os santos, agradecer-lhes, rezar e oferecer vinho e fumo. A execução dessas atividades cotidianamente firma um laço de afeto e torna o santo íntimo das pessoas que assumem o cuidado. O cuidado, por sua vez, implica dedicação de tempo, denota o engajamento das pessoas com as coisas, desse modo se estabelece uma relação de pertencimento.

No plano das trocas, cada qual oferece o que pode e o que tem, assim, por exemplo, Marcelo, o piloto, que não é da família, mas amigo muito próximo de Pingo, chega oferecendo ao preto velho o melhor dos vinhos. Ele não enche apenas uma cuia, deixa até duas garrafas e também leva fumo, *fumo fino* diz Bil, “[...] *não qualquer fumo senão aquele holandês bom e caro.*” (BIL, 2014).



Imagem 2: Pingo cuidando de Pai Tertuliano no Dia da Consciência Negra de 2014.
Fonte: Próprio autor, 2014.

Outro santo que costumava beber era Santo Onofre, gostava de cachaça, dado curioso, quando se considera que todos os santos bebem vinho. A base do santo era uma redomazinha giratória. Conta Pingo que era costume colocar um copo de cachaça às costas dele e, no outro dia, encontravam o santo de frente. “A gente cansava de deixar cachaça e ele vivia se desvirando.” Porém, a imagem desapareceu. “Não sabemos se alguém roubou o se foi morar em algum boteco.”, conclui Pingo.

Numa esquina, ao lado direto de Tertuliano, encontra-se o cajado do preto velho. Ele também foi um presente para o santo, dado pelo beneficiário de um dom como troca pelo favor recebido. Feito de guiné preto, Astrogilda o usava nos momentos que incorporava. Outro dos objetos oferenda é um chapéu, dado por Celso, um amigo da família que é sargento bombeiro. Uma vez Celso chegou com um pacote de vela e fez um pedido para o preto velho e foi embora. Passaram-se uns seis meses, quando Celso apareceu de novo em casa de Pingo e falou “Vim aqui pagar uma... uma promessa”. Depois de rezar falou “Deixei um chapéu lá para o velho que eu prometi a ele se eu conseguisse o que eu consegui. E eu consegui”. (2014)

Na descrição dos objetos materiais e santos que compõem o patrimônio religioso familiar, nota-se que eles não apenas estão dotados de vontade e força, mas estão imersos no universo da reciprocidade, quer dizer, na obrigatoriedade da retribuição das dádivas obtidas (MAUSS, 2003), colocando os beneficiários dos dons e os cuidadores das entidades em um eixo de trocas sociais permanentes.

O patrimônio: da memória familiar para a cena política

O relato de Pingo é chave na compreensão dos processos de transmissão da propriedade que acontecem de pais para filhos no âmbito familiar. O leque de objetos que são propriedade é amplo, inclui ferramentas, vestimenta, relíquias, casas, técnicas, saberes, terras, animais, etc. Segundo Canani (2005), a propriedade é um tipo de criação social, que torna relevante um objeto ou coleção para um grupo social, pela atribuição de um valor socialmente construído. O objeto sacro, por exemplo, se caracteriza por carregar uma “aura”, um valor inalienável que transcende o indivíduo (MAFRA, 2011). Assim, suas formas de produção, circulação e transmissão de posse reafirmam sua aura de singularidade.

A propriedade também revela a existência dos conjuntos de normas que regulam a circulação de bens de caráter hereditário dentro do grupo, dando consistência à rede de relações e trocas entre pessoas. A coleção de objetos valorizada por um dono torna-se herança quando passa para outra pessoa; a herança não é apenas um mecanismo que cria vínculos entre o passado e as gerações futuras, ela estabelece uma relação entre aquele

que dá e quem recebe; e sua transmissão evidencia os papéis sociais vinculados ao parentesco, denotando prescrições sociais e funções a desempenhar por parte dos atores sociais (CANANI, 2005).

No caso, é possível perceber a importância que detém o caçula da família. Se Pingo é o herdeiro, por exemplo, da mesa que foi do bisavô, isso se deve ao fato de ser ele o caçula da família, a mesma mesa será herdada por Alexandre, seu filho mais novo. Contudo, zelar pelos objetos sacros não era um papel social do caçula, mais sim uma obra do destino.

O guardião da memória é um profissional dessa missão, o que interessa em particular a este texto, é que há momentos e motivações especiais que marcam o início da carreira de um guardião da memória. O fato de Pingo cuidar de Pai Tertuliano hoje é resultado de ter cuidado da mãe Astrogilda nos últimos anos de vida. Cuidar dos santos não é um destino para algum dos filhos de Pingo, mas liderando as rendas do processo identitário e político, e diante de um novo horizonte de direitos, ambos os filhos sentem-se chamados a preservar a herança familiar. Deste modo, se o parentesco cumpre um papel principal na transmissão das propriedades, ele também se adapta e se reorganiza em razão de situações concretas.

A noção de propriedade está estreitamente vinculada ao entendimento dos patrimônios, a origem latina da palavra patrimônio – *patrimonium* – remonta à ideia de propriedade paterna, e é associada a noções de herança, legado e posse. O conceito referia-se a propriedades individuais que recaem à figura masculina familiar e são transmitidas entre gerações. No direito romano, de maneira similar, o conceito é definido com base na ideia de bens familiares, que seguem o princípio da hereditariedade (CHOAY, 2006).

Enquanto a transmissão dos patrimônios familiares obedece a certas regras ligadas ao parentesco, a transmissão dos patrimônios culturais envolve outras variáveis. O trânsito de saberes e objetos do cotidiano para um universo mais público faz parte, por um lado, do despertar de uma consciência patrimonial em que são acionados valores de identidade e singularidade perante outras trajetórias sociais, assim como envolvimento afetivos e de pertencimento.

Foi a partir da Revolução Francesa que o conceito de patrimônio se estendeu da dimensão privada à dimensão pública. Na França do século XVIII se nacionalizaram coleções privadas da nobreza monárquica e do clero, fundando a noção de bens da nação, ilustrada pela criação do Museu do Louvre, em 1793. Igrejas foram incendiadas e estátuas foram decapitadas, enquanto monumentos do despotismo, ao passo que outros monumentos foram eleitos para preservação, por representar uma imagem emblemática da

nova nação iluminada, racionalizada e carregada de valor simbólico. A partir deste momento, o patrimônio como conceito se associa a valores da ordem do bem público (CHOAY, 2006).

Neste sentido, o patrimônio tem uma função política e identitária. É importante ressaltar que o surgimento do patrimônio público está estreitamente associado a uma agenda política, a ideia de patrimônio passa a inferir os bens não somente de um, mas potencialmente de uma coletividade ampliada, chegando a ser um elemento fundamental nos processos identitários. No caso abordado aqui, as narrativas e depoimentos pessoais mostraram que, independente do momento de objetificação cultural, as memórias familiares possuem uma centralidade inegável nas relações sociais dos habitantes de Vargem Grande. Assim, os novos formatos que as memórias estão adquirindo não obedecem apenas às exigências do presente marcado pelas buscas de legitimação política de direitos, pois elas são centrais na construção das subjetividades do local.

Os caminhos de uma memória particular para um patrimônio público são sinuosos, esses percursos não são unidirecionais, nem posicionam sem ambiguidade objetos da ordem das memórias pessoais na esfera pública. O surgimento de patrimônios públicos não aniquila os afetos nem as mediações espirituais que ligam as pessoas aos objetos e tampouco fundam lealdades absolutas. Enquanto cotidianamente algumas poucas pessoas, familiares e amigos, continuam a reverenciar, cuidar e tratar de Tertuliano mediante um laço subjetivo e espiritual, Pai Tertuliano começou a participar dos eventos sociais de comemoração de conquistas políticas da comunidade, um movimento que sem dúvida anuncia uma reclassificação dos objetos, ou, pelo menos, os reposiciona de uma cena sacra para uma política. Descrevo, na continuação, dois momentos em que Pai Tertuliano ganhou a praça pública.

À diferença de Nossa Senhora da Conceição, que já esteve em procissões, Pai Tertuliano nunca tinha saído da sua morada no Caminho do Cafundá. A sua primeira saída foi em 16 de agosto de 2014, data em que foi organizado um festejo para comemorar a entrega do título de comunidade remanescente de quilombo feita pela FCP. Nesse dia, a família Santos Mesquita preparou vários tipos de comida que foi distribuída gratuitamente entre os assistentes. Todos puderam degustar vaca atolada, mocotó, galinha com aipim e feijoada. Também abundaram doces, licores, bebidas a base de cachaça e misturadas com ervas e cipós, e o vinho temperado chamado *parangolé*.

Naquele dia, diagonal à capela de Nossa Senhora da Conceição, localizada na estrada Mucuiba, foi improvisado um altar para Tertuliano, uma cuia cheia de vinho esteve a seus pés, um cachimbo, uma vela branca e uma vareta de incenso foram acesos durante a cerimônia de entrega.

Símbolo por antonomásia do trabalho rural brasileiro da bondade acolhedora e da humildade (CONCONE, 2011), a imagem do preto velho foi ornamentada no meio de ferramentas antigas de trabalho na roça e uma cangalha em cipó usada para a carga de banana ajustada sobre o dorso dos burros. Ervas, frutos e outros produtos da roça repousavam sobre um pano de chita de estampa colorida, representando, assim, a agricultura como uma das principais atividades dos moradores do maciço da Pedra Branca. Também foram acomodados outros objetos antigos, tais como ferraduras, ferros de passar, panelas de cobre para a produção de farinhas e fotografias dos parentes mortos.

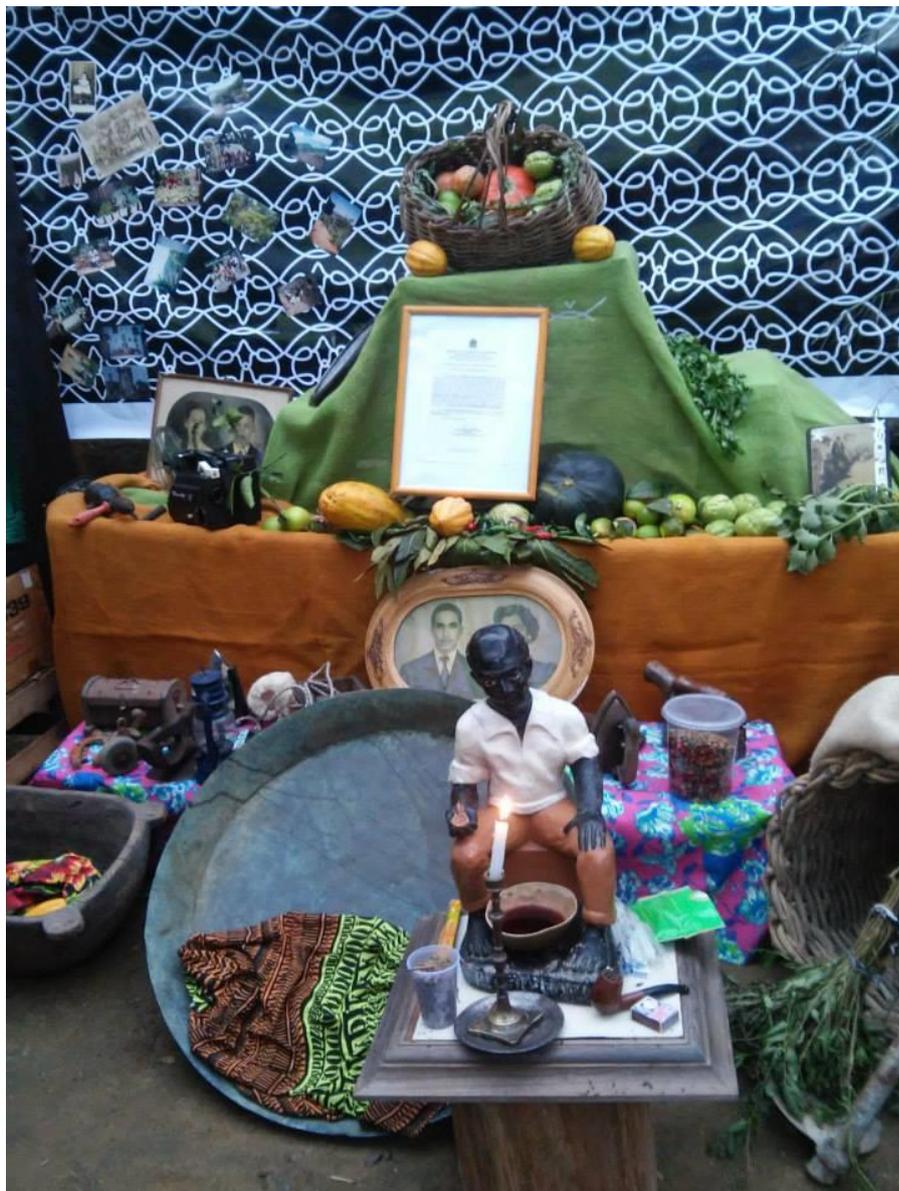


Figura 3: Pai Tertuliano no ato de entrega da certidão que reconhece à comunidade como Remanescente de Quilombo

Fonte: Próprio autor, 2014

Após os discursos do representante da FCP, dos líderes do processo comunitário e de alguns dos parceiros políticos da comunidade, Pai Tertuliano foi fotografado inúmeras vezes, sozinho ou em companhia de Pingo e de outras pessoas do lugar. Vários assistentes se preocuparam por manter a cuia cheia de vinho e acender o fumo. Ao terminar o festejo, Tertuliano voltou de carro para Cafundá.

No dia do recebimento da certidão como comunidade remanescente quilombola, um folheto explicativo sobre a comunidade foi distribuído entre os assistentes. Junto às informações descritas havia fotos do local e das pessoas. Uma das fotos era do oratório acompanhado de um resumo da obra espírita da matriarca Astrogilda, uma obra que se alinhava a um conjunto de outros saberes e práticas culturais do local, enumerados no folheto como um patrimônio cultural a ser preservado por constituírem o modo de vida dos moradores dessa parte do Parque Estadual da Pedra Branca.

A segunda vez que Tertuliano desceu para o largo da Mucuíba foi em 20 de novembro de 2014, data na qual a comunidade, de posse do título de comunidade remanescente de quilombo, comemorou o Dia da Consciência Negra pela primeira vez. Para festejar, Maria Luzia, neta de Astrogilda comandou a preparação de 20 quilos de feijão e houve um samba no bar “Tou Na Boa”, localizado na rua Luis Borracha.

A atividade principal da comemoração do Dia da Consciência Negra foi a montagem de uma feira livre no largo da Mucuíba, da qual participaram ativamente os netos de Astrogilda. Sandro se encarregou da logística, do som e da arrumação das barracas, Pedro, agricultor e feirante na feira do Gardênia Azul, montou uma barraca com Cristina, na qual venderam banana, aipim, alguns legumes e os doces de banana, cajá, abóbora com coco elaborados por Nilza, sua mulher. Na barraca ao lado, Georgina vendeu os doces de festa que ela mesma preparou: olho de sogra, brigadeiro, brigadeiro branco, coquinho, uvas caramelizadas etc. A seguinte barraca era de Maria Luzia, ali estavam à venda sabonetes e artesanatos produzidos com materiais recicláveis.

Pingo decidiu montar uma barraca de *macumbeiro*. Dentro dela Pai Tertuliano foi localizado no centro. Pingo tinha para vender sementes de olho de boi e maços de ervas como capim limão, colônia, guiné, carqueja, espada-de-São-Jorge, pau-de-alho, guiné preto, guiné caboclo para banhos e curas de diversas doenças comuns, como resfriados e afecções do fígado, para os rins e a circulação. Pingo também produziu as diversas garrafadas com base de cachaça misturada com ervas e cipós como agrião, gengibre, cipó-cravo, pau pereira, boldo, quina roça, e o tradicional *parangolé*.

Alexandre, filho de Pingo, preparou licores de maracujá, jenipapo, laranja e jabuticaba, que também estiveram à venda nesse dia. Entre vendas de plantas e degustações de licores e cachaças, Pingo fazia demonstrações de suas habilidades como

orador e repentista, improvisando versos e brincadeiras sobre macumba. Na sua barraca tinha cartazes com algumas receitas improváveis que despertavam as gargalhadas de todos os que se aproximavam.

Em ambos os eventos, o público assistente foi variado, desde moradores de Vargem Grande, passando por eventuais visitantes das cachoeiras do Parque, cavaleiros, pesquisadores, fotógrafos, jornalistas e os representantes de ONGs e instituições como ASPTA, Panela de Barro, Profito, Rede Carioca de Agricultura Urbana, ALERJ que têm acompanhado e assessorado a comunidade nos seus conflitos com o Parque, no processo de mobilização e organização quilombola e na visibilidade política dos agricultores num contexto de valorização das experiências e dos conhecimentos locais.

Foi no Dia da Consciência Negra que Pingo, no meio desses variados atores, sobre um palco improvisado, declamou os versos que compôs para o pedido de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo ante a FCP. No fragmento transcrito a seguir, Pingo não apenas apresenta a si mesmo e à sua linhagem familiar, como enuncia a existência do terreiro, e o evoca como meio de clamar pelo direito às terras:

Já não se ouve mais
O assovio do açoite
Nem o tilintar dos grillhões
Sons que por muitos anos
Atormentaram corações
-
Sois livres, partam!
Curem as suas feridas
Esqueçam o horror da senzala
Reconstruam suas vidas
-
Os negros desnorteados
Libertos enfim dos seus nós
Ocuparam uma imensa área
Os ermos dos cafundós

Foi ali que em pouco tempo
Começaram a surgir
Vários núcleos familiares
Que contarei a seguir
-
Cafundá, Morro Redondo
Eram os maiores que tinha
Também o Sítio das Moças
E a Toca da Farinha
-
Era nessa famosa toca

Como o caçula da família /
Tenho a maior devoção/
Mantenho o altar dos Santos/
Preservando a tradição

Aprendi muito com eles/
Histórias lindas ouvi/
Sobre os que já eram mortos/
Mas muitos eu conheci

Bibiano, Antônio Virgulino/
Nonô e Sino/
Joaquim Querosene, Vico Pereira/
Chico da Chácara e Nonô

Nessas terras nós nascemos/
Vivemos com abundância/
Hoje somos ameaçados/
Pelo fantasma da ganância

Senhores governantes/
Controlem seu egoísmo/
Nos tirar da nossa Terra /
Pra dar ao capitalismo.

Reconheçam Nosso Quilombo/
E nos deixem ajudar/
Nós que nascemos aqui /
É que sabemos preservar.

Que os escravos foliões
Quando deixavam o trabalho
Faziam reuniões

-

O núcleo do Cafundá
Fundado por meu avô
Se destacou bem depressa
Como o maior produtor

Nesse núcleo em pouco tempo
Com as famílias unidas
Um casal se destacou
Seu Celso e Dona Astrogilda

Seu Celso e Dona Astrogilda/
Dentro da comunidade/
Fundaram um centro espírita/
Para fazer caridade

Não cobravam um centavo/
Pelas curas que faziam/
Ela com os Orixás/
Ele com homeopatia

Nessa comemoração do Dia da Consciência Negra eles optaram por representar a si mesmos como agricultores, feirantes urbanos e macumbeiros numa feira, cenário natural da interação social entre segmentos urbanos e rurais. Essa escolha aponta para a forma como os quilombolas de Vargem Grande desejam ser vistos pelos outros, como agricultores dentro do Parque, mas ligados diariamente ao espaço urbano por meio de sua participação em feiras urbanas e prendados na fé espírita.

A escolha de Pai Tertuliano como figura insigne do processo político da comunidade, aparecendo na praça pública nos dois eventos descritos acima, se baseia na sua capacidade de projetar para fora uma essência da negritude vinculada ao mundo rural e agrícola. Esse movimento se encaixa dentro das estratégias políticas das religiões afro-brasileiras, cujos cultos, fortemente perseguidos no passado, se transformaram em referência em termos de reconhecimento e legitimidade pela via da inclusão no leque da diversidade cultural do Brasil (MAFRA, 2011). Porém, antes disso, Tertuliano pertencia a um mundo espiritual alijado de qualquer fim político. A definição patrimonial nunca é um processo de exclusividade absoluta. Objetos patrimoniais estabelecem, simultaneamente, relações com os mais variados universos, religiosos, familiares, econômicos, identitários, estéticos e políticos permanecendo submetidos a certa ambiguidade classificatória (GONÇALVES 2005).

Com a morte de Celso, tinha acabado para Pai Tertuliano sua atuação dentro de um ciclo espiritual ligado a atividades mediúnicas, porém, com o movimento da família Dos

Santos Mesquita, na procura pelo reconhecimento de direitos como comunidade tradicional, iniciou-se para o preto velho um novo ciclo de ativas presenças em eventos relacionados à visibilidade que os líderes quilombolas convocam para seu processo político e organizativo.

Sandro e Alexandre, filhos de Pingo, não têm a mesma afinidade espiritual que seu pai tem com Tertuliano e os outros objetos do antigo terreiro. Nessa coleção eles percebem um conjunto de testemunhas materiais da trajetória grupal e um modo de narrar sua própria história. Nesse sentido, objetos materiais antigos, religiosos, históricos, espirituais, carregados de memórias e de afetos mostram aqui o seu desempenho como fios condutores na formação de uma autoconsciência individual e coletiva, parte de um processo de afirmação étnica (GONÇALVES, 2005).

Contudo, o trânsito do Pai Tertuliano para um ambiente explicitamente político não acontece sem estranhamentos internos que chocam com o que é tido tradicional, tanto quanto com outras experiências religiosas presentes no lugar. Nos dias que antecederam à organização do Dia da Consciência Negra, perguntei a Bil, neto de Astrogilda, se ele iria participar, então ele resmungou que não tinha tempo e que, além do mais, essa festividade não correspondia ao festejo tradicional do preto velho que sempre tinha sido o 13 de maio³.

Em outro nível, as comemorações ligadas à consciência negra não são acolhidas por famílias de outros núcleos, especialmente as de tendência evangélica. Helena, esposa de Carmélio (sobrinho de Celso dos Santos Mesquita), comentou que, convertida ao Evangelho, não sentia motivação para comemorar o Dia da Consciência Negra. Argumentos parecidos me foram dados por outras mulheres evangélicas, como Expedita e Jacira, que afirmaram nunca ter ouvido falar de Pai Tertuliano. Os conflitos entre umbandistas e evangélicos não se reduzem a estes fatos enumerados e merecem uma análise mais aprofundada que foge ao interesse central desta reflexão.

A inclusão do 20 de novembro no calendário festivo comunitário corresponde às estratégias dirigidas para a busca de um reconhecimento externo como comunidade de direitos e a conformação de uma rede de apoios externos que acompanhe e promova a visibilidade política da comunidade. Para a família que lidera o processo, o reconhecimento é também um autoconhecimento, daí que o entendimento do passado jogue um papel importante na formação da sua autoconsciência. Entretanto, os pequenos transtornos internos, suscitados pela inclusão de uma nova data de comemoração, por exemplo, ou pela colocação de Pai Tertuliano como figura central no pedido comunitário, confirmam algumas das dificuldades enfrentadas pela família que lidera o processo para convencer, motivar e obter o apoio de outras famílias e lidar, entre outras coisas, com as distinções religiosas que permanecem de maneira sutil no cerne das diferenças.

Outro exemplo das dificuldades nos trânsitos de memórias familiares e estratégias políticas comunitárias consensualmente referidas evidenciou-se quando o grupo familiar iniciou o trâmite para a obtenção do reconhecimento como comunidade quilombola. Na época, a ONG Panela de Barro, parceira e assessora do processo, sugeriu que fosse considerado “Astrogilda” como nome da comunidade, pela história da matriarca, e o nome “Cafundá”, por ser o caminho onde a casa dela se localizava.

Na chegada ao núcleo de Cafundá encontra-se uma placa⁴ na qual se lê: “Comunidade Astrogilda/Caminho do Cafundá”. No momento da solicitação diante da FCP, foi proposta e utilizada essa expressão para o nome do quilombo. No transcurso das negociações internas com outras famílias moradoras dos núcleos de Morro Redondo, de Carmélio, Dromice, Dacinha, Caboxa, etc., foi se percebendo que, embora Astrogilda ecoasse memórias e afetos, não era suficientemente forte para agregar às outras agrupações familiares, mesmo que emparentadas.

A habilidade negociadora e conciliadora dos líderes não os fez teimar em impor os símbolos que faziam ressonância no âmbito familiar. Assim, durante a I Reunião para a formação da Associação de Moradores, realizada em outubro de 2014, uma das questões submetidas para discussão foi escolher, por votação, o nome que levaria a associação. As opções eram “Associação de Moradores do Quilombo Astrogilda Cafundá” ou “Associação de Moradores do Quilombo de Vargem Grande”. Com o intuito de adotar um nome mais abrangente, foi escolhida a segunda opção.

O patrimônio como enquadramento da memória e como mediação

A memória é um trabalho permanente. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, resignificando as noções de tempo e espaço e escolhendo o que é “dito” e o que se cala; bem longe, logicamente, de um cálculo consciente e utilitário. Quem aceita o desafio de trabalhar a memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, entre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo.

A rememoração é um processo de negociação difícil entre o individual e o social, é um terreno em disputa com base no qual as identidades são permanentemente construídas e reconstruídas, tentando garantir certa coesão à personalidade e ao grupo. Esta dimensão da memória, que lhe confere limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se ao chamado “trabalho de enquadramento” da memória (POLLAK, 1989).

Dito enquadramento da memória vem se consolidando com a construção de um museu para o santo no Caminho do Cafundá. Para Pingo, a ideia iniciou-se há anos, com a necessidade de restituir imagens perdidas ou quebradas, porém, o alto custo dessas reposições levou Pingo a postergar seu desejo. Recentemente, com a repercussão que alcançou a mobilização do grupo e a importância da casa espírita e de Tertuliano na sua história, a família começou a pensar a ideia de fazer uma verdadeira reforma para também atender aos visitantes e estudantes que ali chegavam querendo saber mais da história local.

Em meio a um conjunto de práticas de preservação e exposição, foi tomando forma a ideia de construir, apartado da casa principal, um barraco de *adobe*, ou de pau a pique, com o teto em sapê e o chão de terra batida, ao modo como estava feito o antigo centro espírita. Para atingir *maior autenticidade*, nas palavras de Pingo, a construção da casa se projetou sem tijolos, usando apenas as técnicas antigas de construção. A intenção era que a casa abrigasse não apenas o altar e Pai Tertuliano, mas também outras memórias familiares e comunitárias que estariam contidas nas coleções privadas de objetos antigos, ferramentas, fotografias que vários membros da família detinham, inaugurando, assim, um lugar da memória, um depósito onde voluntária e conscientemente o grupo confiaria suas lembranças (NORA, 1984).

A segunda comemoração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2015, Tertuliano não desceu. Pingo explicou que a responsabilidade de cuidar dele num ambiente conglomerado era tão grande, quanto cansativa. Nesse momento, a recém-conformada comunidade quilombola de Vargem Grande tinha atingido um bom grau de visibilidade, poderia se afirmar que, nesse sentido, Pai Tertuliano tinha feito seu papel de política externa. Por outro lado, a construção do museu para esse momento se desenhava como uma proposta mais concreta de exibição e recebimento de visitantes⁵. O desafio para a família Santos Mesquita foi levar a fundo esse processo político entre as outras famílias da comunidade.

A ideia de um museu formaliza, em outro patamar, o desenvolvimento da autoconsciência que guia a criação de museus nos quais os acervos são construídos e idealizados pelas pessoas locais como parte do processo de afirmação étnica (GONÇALVES, 2009). Por outro lado, a relação com o tempo passado começa a se estabelecer sob outros formatos, tais como a lógica colecionadora de objetos e a opção por uma casa levantada nos velhos padrões de construção como forma de garantir uma transmissão do passado mais autêntica.

Aí vamos passar o altar para lá e todas as coisas que se originavam do tempo da escravidão. Vamos botar tudo o que é antigo, né? Digamos, o lampião, a mesa grande é a primeira que a gente vai botar e o altar vai ficar

em cima dela, pois é uma peça-chave, né? A mesa, vamos passar aquilo... aquilo tudo que for antigo, vamos montar uma espécie de um museu, um pequeno museuzinho, sabe? Tudo como era originalmente há cem anos atrás. Nós vamos recolher as antiguidades que a gente têm, botar tudo lá para quando um visitante chegar e ter uma história, uma história para você mostrar. Ainda não fizemos mesmo, porque falta o dinheiro. Mas a gente vai arrumar um patrocínio para ver se a gente consegue fazer isso. (PINGO, 2014).

O projeto de Pingo e seus filhos é distribuir ao longo das paredes da casa nova, ao modo da via sacra, todos os quadros que estão no altar e preencher os espaços das prateleiras com imagens de gesso novas, que teriam que ser compradas. “Seria como fazer uma nova casa para o santo [...]”, explica Sandro, filho de Pingo, e “[...] oferecer a possibilidade para que visitantes conheçam a história local, pois cada vez chega mais gente querendo ouvir meu pai e aquele quartinho não dá para apreciar toda nossa história.” (2014).

A despeito da casa do santo, Sandro comentou que, no começo da empreitada para a organizar politicamente a comunidade e ainda sem saber o rumo que tomariam as coisas, três ideias vindas de Tertuliano ecoavam o tempo todo na sua cabeça: “Reúne seu povo!”, “Conta sua História”, “E reconstrói minha casa” “[...] e eu custei a entender que essa era a missão que o Tertuliano me tinha designado, agora que a casa começa a tomar forma, vejo bem que era essa a minha missão.” (2014).

A construção desse novo espaço de memória começou em dezembro de 2015, após escolher um local dentro do terreno de Pingo. Durante vários domingos, parentes e amigos se organizaram em mutirão para fazer a casa, em etapas que tiveram como ordem a compra dos materiais como madeiras e telhas, o estabelecimento dos cimentos, o levantamento da estrutura, a procura e o corte do bambu na lua minguante e o enripamento do bambu que daria origem à trama para suportar o barro. Em todas as jornadas, as tarefas se dividiam entre os homens – encarregados do trabalho braçal – e às mulheres que se dedicaram ao preparo de comidas e bebidas.

A casa tomou sua forma definitiva um domingo de março de 2016, quando aconteceu o embarreio, que é a jornada coletiva mais importante, pois, para que a operação ocorra com sucesso, é preciso contar com a participação do maior número de pessoas cooperando na retirada do barro, o pisoteio de barro para poder misturá-lo com água e fazer uma massa uniforme sem grumos nem muito seca, nem muito molhada, que permita, posteriormente, o próprio embarreio com as mãos e que precisa da ação de pessoas por dentro e por fora da mesma parede enchendo o enripado de bambu com a mescla do barro. Tudo isso deve acontecer de forma ágil e organizada. No embarreio, homens, mulheres e crianças participaram. A jornada terminou em uma grande brincadeira na qual além das paredes, as

peças também se tornaram alvos dos lançamentos de barro, atingindo, assim, um momento de comunhão durante o qual já não era mais possível distinguir as pessoas da própria casa.

Ainda que muitas pessoas ali presentes nunca tivessem participado de outras jornadas de embarreio, elas se envolveram na ação assumindo uma familiaridade na técnica ancestral, em que o corpo – pés para pisar e mãos para embarrear –, alimentado coletivamente, é a principal ferramenta. A construção da casa foi, por si mesma, um trabalho prático de enquadramento da memória, e nele o corpo cumpriu um papel de mediação entre o conhecimento de técnicas antigas de construção e a necessidade do presente de edificação de um espaço para a memória.

Ao sair do seu espaço habitual e de suas funções espirituais, os santos ganham um valor de representação da identidade e de mostra e exibição como peças de museus. Perguntei a Pingo se Pai Tertuliano e os santos, no novo contexto, perderiam sua força espiritual e seu poder de proteção. Para o filho de Astrogilda, se os santos não tinham perdido poder quando o centro de umbanda foi desmanchado, não seria no museu que isso iria acontecer, porque, além de serem reais, “[...] eles existem e têm uma alma, estreitamente vinculados com nossa história.” Nesse sentido, Heidegger (2002) e Merleau Ponty (1994) refletem como o sentido entregue às coisas não é separável nem posterior à matéria, pois as coisas não estão simplesmente dadas no espaço, mas são aquilo junto ao que habitamos, do que se deriva a comunhão e intimidade.

Em outro sentido, o museu permitiria que os santos passassem a ser cuidados por outras pessoas, que por diversos conflitos familiares não se aproximavam da casa de Pingo. Saindo do âmbito doméstico, os santos adquiriam um *status* mais público e poderiam ser visitados por parentes que se distanciaram por causa das chamadas *picuinhas familiares*. Ao falar de objetos expostos no museu, Pingo apela para a noção de cuidado da sua memória, a qual se encontra, para ele, em risco de desaparecimento, precisando de ações para ser preservada. A fala de Pingo sobre as incertezas em relação ao destino dos santos sem seu cuidado remete-nos a uma das principais funções dos museus modernos, assegurar às gerações futuras um link com o passado.

Mais além da salvaguarda, Gonçalves (2005) reflete sobre o patrimônio e suas conexões como totalidades cósmicas e morais, em que é preciso considerar o papel mediador que os patrimônios estabelecem entre diversos domínios sociais e simbólicos, conectando categorias como: passado e presente; deuses e homens; mortos e vivos (GONÇALVES, 2005). Nesse sentido, Pai Tertuliano pode ser visto como um agente mediador entre o parentesco de sangue e o parentesco espiritual, entre Pingo, como o atual guardião das memórias familiares e a finada Astrogilda como mãe do preto velho e chefe do

terreiro. A construção do museu também foi uma mediação entre técnicas antigas de construção e sua efetivação no presente.

Nesse contexto, o preto velho também estabeleceria conexões entre a memória do auge da umbanda em Vargem Grande e o atual período em que os evangélicos ganham cada vez mais adeptos. Tertuliano não apenas cria uma relação entre o mundo dos espíritos e dos encantados com o mundo dos humanos, entre o céu e a terra, mas também conecta por contraste o passado de uma região onde a agricultura primava nas mãos de produtores que dispunham à vontade de suas posses com o atual presente de luta política encaminhada para o reconhecimento como comunidade tradicional dentro de um parque natural, cujas políticas os oprimem.

Desta forma, Tertuliano torna-se uma espécie de símbolo da resistência e permanência da memória frente à opressão exercida pelo parque natural contra os agricultores. O preto velho também se ergue no cerne das disputas simbólicas, sutis mas acirradas entre umbandistas espíritas e evangélicos. A compreensão dessa capacidade mediadora de Tertuliano entre os universos de tão distinta natureza permite entender a resistência de alguns nativos a serem representados por ele, entretanto, por outro lado, permite explorar os nexos entre a materialidade e a imaterialidade, compreendida como o sentido dado às coisas que, com frequência, são analisadas como universos separados, ou como camadas de diferentes níveis de experiência (RABELO, 2012).

Nesse nível de análise, superar a oposição material/imaterial é essencial porque há coisas que não podem ser classificadas como meros objetos inertes, e que, aliás, são difíceis de classificar pelas ambiguidades, porosidades e conexões que apresentam.

Em muitos casos, servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são desse modo meros objetos. Se por um lado são classificados como partes inseparáveis de totalidades cósmicas e sociais, por outro lado afirmam-se como extensões morais e simbólicas de seus proprietários, são extensões destes, sejam indivíduos ou coletividades, estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo cósmico, natural e social [...] Essa categoria de objetos não apresenta fronteiras classificatórias muito definidas, sendo ao mesmo tempo objetos e sujeitos, materiais e imateriais, naturais e culturais, sagrados e profanos, divinos e humanos, masculinos e femininos. (GONÇALVES, 2005, p. 18).

Assim, os objetos materiais ligados ao desativado centro de umbanda não estão separados da família Santos Mesquita e sua história. Esses bens possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade e vontade (GONÇALVES, 2005). Nos relatos sobre o

terreiro, Pai Tertuliano se apresenta como entidade cheia de desejos e determinações, conduzindo o destino do centro espírita e determinando as ações dos humanos. Os espíritos são culturalmente reconhecidos como sujeitos – no sentido de terem desejos, serem geradores de ação, e terem uma subjetividade. Eles estão intimamente relacionados com seus médiuns e, de certa forma, são pertencentes a eles. Contudo, seu estatuto de sujeito é distinto daquele dos outros sujeitos sociais – vivos ou já mortos – pois eles são “espíritos” ou “entidades” e não “pessoas” (CARDOSO, 2014).

A modo de conclusão

Comecei esta reflexão com a história que os descendentes de Astrogilda e Celso dos Santos Mesquita narraram sobre a origem do terreiro que ambos chefiaram ao longo de suas vidas. Localizado no caminho do Cafundá, o centro espírita foi um importante articulador das relações sociais da família e da vizinhança. Com a morte de Celso, o terreiro foi fechado e os objetos litúrgicos tais como o altar e os santos passaram a ser custodiados como uma herança doméstica, depósito material das memórias familiares e do período de auge da umbanda em Vargem Grande. Produto de uma relação íntima e de afeto pessoal do atual proprietário com esses objetos, os quais são cuidados e limpos, tornando-se uma extensão do proprietário.

Após a morte de Celso, Pai Tertuliano – o principal guia espiritual da casa espírita – ordenou que fossem encerrados os trabalhos de mediunidade, considerando que a mãe de santo Astrogilda não tinha condições de continuar sozinha com as atividades do terreiro. A intencionalidade do preto velho foi analisada por mim com base na expansão do sentido do objeto, para além de uma relação passiva. Sublinhando a capacidade de agência das coisas, Pai Tertuliano é uma entidade com poder e força de vontade. No entendimento da força dessa entidade, foi fundamental suspender a separação de materialidade e subjetividade, já que o sentido não se afasta da coisa em si, nem é anterior, pois como já dito, ele é a alma da coisa.

Ao analisar a conformação de patrimônios coletivos consensualmente referidos, ressaltei o caráter híbrido que define práticas culturais e objetos materiais ligados simultaneamente ao mundo dos mortos e dos deuses, à história local, aos afetos pessoais, entre outros universos. A ambiguidade classificatória desses objetos se estabelece na sua capacidade de mediar relações entre domínios de diversas índoles.

No meio de um processo político de reconhecimento de direitos territoriais como comunidade quilombola perante o Estado, a existência dessa herança familiar tornou-se um meio da autoconsciência individual, familiar e coletiva, sob a emergência patrimonial e

objetificadora da cultura local. Porém, o trânsito de herança familiar para patrimônio cultural é um caminho sinuoso que reflete as dificuldades enfrentadas pelos líderes do movimento quilombola na saga da política interna de construir consensos, assim como no desafio de ampliar e estender memórias afetivas familiares para uma comunidade maior.

Recebido em: 05/02/2016

Aprovado em: 21/03/2016

NOTAS

¹ Religião surgida da Macumba carioca, segundo Ortiz (1978) e Capone (2009), ela tem um viés mais desafricanizado, e maior ênfase no catolicismo e no espiritismo kardecista.

² O formato do altar evoca um tipo de “saber fazer” de peças artesanais em madeira praticamente extinto. Fui informada de que esse tipo de frente de igrejas e catedrais em escala, elaboradas em madeira era bem comum nas casas há algumas décadas, e essas peças funcionavam como trocas por graças concedidas por santos e entidades. Um dos mais conhecidos artesãos e fabricante dessas igrejas era o tio Nizio, filho de Astrogilda. Suas miniaturas ainda existem, mas esses objetos não estão no poder da família, pois quando Nizio morreu, suas criações ficaram com a família de Chico Buarque, dona da casa da qual Nizio era caseiro. Por outro lado, a presença de altares domésticos que acomodam esculturas de anjos, santos católicos, entidades da umbanda, quadros de imagens, velas e flores é uma tradição que se mantém vigente nos lares não evangélicos de Vargem Grande. Esses altares também requerem de seus donos, mulheres na maioria das vezes, atenção e cuidados, entendidos como a reza das orações e a limpeza das peças que os compõem; fazer pedidos, agradecer e levar a fé adiante.

³ Vale a pena ressaltar que os movimentos negros manifestaram seu rechaço à celebração do 13 de Maio como a data real da abolição da escravidão, pois a Lei Aurea assinada pela princesa Isabel naquela data de 1888 não desmontou o regime escravocrata. Pelo contrário, sem políticas públicas voltadas para os negros, a escravidão continuou. Por isso, o MNU buscou celebrar as conquistas e vitórias do grupo com o Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro, data que marca **a morte de Zumbi**, líder do Quilombo dos Palmares.

⁴ Elaborada por Pedro Mesquita em 1999, quando terminou de ajeitar o caminho para permitir a passagem de carros desde a estrada Cleodon Furtado até o Cafundá.

⁵ A possibilidade para o desenvolvimento desse projeto apareceu em 2015 quando a prefeitura do Rio de Janeiro lançou um edital para a premiação de ações locais por motivo da comemoração dos 450 anos da cidade, com o objetivo de apoiar iniciativas culturais de pessoas físicas e microempreendedores individuais com impacto local, e para valorizar manifestações culturais presentes nos bairros cariocas. O projeto do museu para o santo foi contemplado e com o dinheiro recebido deu-se início à construção em dezembro de 2015.

REFERÊNCIAS

ARONI, Bruno Oliveira. Por uma etnologia dos artefactos: arte cosmológica, conceitos mitológicos. *Revista Proa*, n. 2, v. 1, p. 1-27, 2010.

CANANI, Aline. Sapiezinskas Krás Borges. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 163-175, jan./jun. 2005.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no Candomblé: Tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

CARDOSO Vânia Zikàn. Spirits and Stories in the Crossroads. In: BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana. (Orgs.) *The social life of spirits*. The University of Chicago Press: Chicago, 2014. p. 93-107.

CONCONE, Maria Helena Vias Boas. Caboclos e Pretos Velhos da Umbanda. In: PRANDI, Reginaldo. (Org.) *Encantaria Brasileira: O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. p. 281.

GONÇALVES, José Reginaldo. A magia dos objetos, museus, memória e história. In: PRIORI, Ângelo. (Org.) *História, memória e patrimônio*. Maringá: Eduem, 2009. p. 65-75.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan.-jun. 2005.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: *Ensaaios e Conferências*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAFRA, Clara. A arma da cultura e os universalismos parciais. *Mana*, v. 17, n. 3, p. 607-624, 2011.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia* São Paulo: Cosa Naify, 2003.

MERLEAU PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NORA, Pierre. 1984. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre. (Org.) *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, v. 1, La République. XXIV.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo. Brasiliense, 1978.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RABELO, Miriam. Construindo mediações nos circuitos religiosos afro-brasileiros. In: STEIL, Carlos Alberto. (Org.) *Cultura, Percepção e Ambiente. Diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP: 2006.
WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.